



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CAROLINE VIEIRA LEITE  
GECIANE DA SILVA GEMAQUE

**EDUCAÇÃO SEXUAL E PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS NA  
ESCOLA ESTADUAL PADRE SIMÃO CORRIDORI**

MACAPÁ  
2016

CAROLINE VIEIRA LEITE  
GECIANE DA SILVA GEMAQUE

**EDUCAÇÃO SEXUAL E PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS NA  
ESCOLA ESTADUAL PADRE SIMÃO CORRIDORI**

Artigo Científico apresentado à  
Universidade Federal do Amapá como  
requisito básico a apresentação do  
Trabalho de Conclusão de Curso do curso  
de Licenciatura e Bacharelado em Ciências  
Sociais. Orientador: Msc. Luciano Magnus  
de Araújo.

Macapá

2016

CAROLINE VIEIRA LEITE  
GECIANE DA SILVA GEMAQUE

**EDUCAÇÃO SEXUAL E PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS NA  
ESCOLA ESTADUAL PADRE SIMÃO CORRIDORI**

Artigo Científico apresentado à  
Universidade Federal do Amapá como  
requisito básico a apresentação do  
Trabalho de Conclusão de Curso do curso  
de Licenciatura e Bacharelado em Ciências  
Sociais.

Data da defesa: 17 de Novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

---

Msc. Luciano Magnus de Araújo – Orientador (Docente/UNIFAP)

---

Dr. Manoel Pinto (Docente/UNIFAP)

---

Msc. David Junior de Souza Silva (Docente/UNIFAP)

Agradecemos em primeiro lugar a Deus que nos manteve firmes até hoje e que colocou em nossos corações o desejo de vitória. Aos muitos familiares que indiretamente contribuíram para esta conquista, nos motivando quando passamos inúmeras noites acordadas estudando. O nosso querido orientador Msc. Luciano Magnus que arduamente trabalhou conosco no desenvolver dessa pesquisa, nos auxiliando e incentivando. Por fim, a nossa gratidão a todos os professores que contribuíram para o arcabouço de conhecimento que hoje somos dotadas.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
Mitos e tabus a cerca da sexualidade .....	09
Descrevendo o processo histórico da sexualidade .....	10
A história da sexualidade no Brasil .....	12
Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's.....	14
<b>RESULTADOS DA PESQUISA</b> .....	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	22
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	24

## RESUMO

Este artigo buscou analisar de que forma a sexualidade esta sendo trabalhada em sala de aula, numa perspectiva social entender de que maneira os educadores estão contribuindo para que o adolescente tenha uma boa compreensão de tal assunto. Tendo em vista os altos índices de adolescentes gravidas na escola estadual Padre Simão Corridori, em Santana – AP. Visando explicitar os tabus acerca da sexualidade que ainda interferem que o assunto seja tratado de uma maneira clara, apesar de estar nos PCN's que deve ser trabalhado de uma forma transversal. Lançamos mão de alguns autores como Cida Lopes (2014), Paulo Sérgio do Carmo (2011) e Michel Foucault (1999), uma vez que abordam questões do saber sexual, a educação sexual nos dias de hoje, o processo da sexualidade e, os tabus e mitos que permeiam por longos anos essa questão. Como artifícios metodológicos foram usados questionários aplicados aos professores e a coordenação pedagógica, a observação nas rodas de conversas dos alunos e seus comportamentos. Uma consideração da pesquisa é a irrelevância dada ao assunto, bem como a ausência do trabalho transversal com a temática sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade, Adolescentes, Transversalidade, Tabus.

## **ABSTRACT**

This article sought to analyze how sexuality is being worked in the classroom, in a social perspective to understand how educators are contributing to the teenager having a good understanding of such subject. Considering the high rates of pregnant adolescents at the state school Padre Simão Corridori, in Santana - AP. Aiming to explain the taboos about sexuality that still interfere with the subject being treated in a clear way, despite being in the NCPs that must be worked in a transversal way. Some authors, such as Cida Lopes (2014), Paulo Sérgio do Carmo (2011) and Michel Foucault (1999), have addressed the issues of sexual knowledge, today's sex education, the sexuality process and the Taboos and myths that permeate this issue for many years. Methodological artifacts were used questionnaires applied to teachers and pedagogical coordination, observation in the wheels of students' conversations and their behaviors. One consideration of the research is the irrelevance given to the subject, as well as the absence of transversal work with the thematic sexuality.

.  
Key words: Sexuality, Adolescents, Transversality, Taboos.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa o ingresso de adolescentes na vida sexual e de que forma a escola busca auxiliar positivamente com projetos pedagógicos voltados para sexualidade, fornecendo ao aluno um universo de informações que proporcionarão uma decisão consciente e responsável, evitando problemas familiares e sociais.

Dessa maneira, busca-se entender qual o nível de preocupação dos educadores para o repasse de informações claras aos adolescentes, que medidas estão sendo tomadas para que esse adolescente seja bem informado acerca de tal assunto, tendo em vista que, a sociedade passou por diversas mudanças que ocasionaram o despertar mais aguçado do interesse dos adolescentes pelo ato sexual.

Procura-se entender as abordagens metodológicas usadas para a discussão da sexualidade nas diversas disciplinas, uma vez que os PCN's tratam essa temática como transversal, aonde o profissional da educação seja sem fronteiras, onde o aluno possa tirar suas dúvidas e de certa forma compreender melhor a sociedade em que vive. A sexóloga e educadora sexual Cida Lopes (2014) diz que "a sexualidade é toda expressão do modo de pensar, sentir, comunicar e agir, está presente em qualquer forma de manifestação da nossa afetividade, portanto ela é vivenciada por toda nossa vida", "Educar para a sexualidade é educar para a cidadania, autonomia e para a vida, com isso não há idade ideal". Com isso, notamos a importância do educador no desenvolver da compreensão sexual do aluno.

O foco da pesquisa é avaliar as consequências do ingresso desinformado dos adolescentes na vida sexual, numa perspectiva social. Salientando a incessante busca do adolescente pela informação, que uma vez não suprida no ambiente escolar, tende a caminhar para a internet, para uma roda de conversa com os amigos da mesma idade e até mesmo com pessoas mais velhas sem elucidação consciente de tal assunto, o que acontece é que esse adolescente mais tarde possa estar com uma doença grave sem cura, como a AIDS; com o papel de pai; com o papel de mãe, tendo que abandonar os estudos para dar sustento ao seu filho, adotando uma postura familiar cedo, sem uma formação escolar e tão pouco profissional.



Deste modo, primeiramente, será realizado o levantamento bibliográfico, isto é, a busca de fontes necessárias à fundamentação do tema investigado e, mais especificamente, ao detalhamento da problemática abordada: “Qual a posição adotada pela escola estadual Padre Simão Corridori em relação às políticas educacionais referentes à sexualidade?”. O questionário será um instrumento fundamental neste trabalho, pelo fato do tempo ser reduzido para realização da pesquisa. Assim sendo, deverá ser aplicado ao corpo técnico e ao corpo de apoio da escola. Desse modo, nos será permitido o acesso às questões internas que permeiam o trabalho oferecido aos adolescentes da instituição, proporcionando o saber de possíveis discordâncias nas afirmações colhidas nas perguntas. Na análise dos dados, como fator de interpretação das respostas do questionário será utilizada a técnica de *análise de conteúdo*, que consiste na interpretação dos significados que estão por trás da comunicação ou de uma face textual.

## **Mitos e tabus acerca da sexualidade**

Quando tratamos do tema sexualidade sempre nos deparamos com uma vasta dimensão de mitos e tabus que foram criados e estabelecidos ao longo da vida humana. Desde criança, somos ensinados modos de conduta diferentes para homens e mulheres, tais ensinamentos permeiam em nossa sociedade até hoje e com efeito intenso.

Podemos perceber isso com o tabu do machismo, uma vez que como a escritora e cordelista Jarid Arraes (2013) afirma “os homens são pressionados a manter uma performance sexual impecável”, passando a imagem de que ele é o sexo superior e a ele é atribuído o papel de ser indiscutivelmente *bom de cama* e provar sua virilidade. Assim como o mito de que o homem sempre esta em busca do prazer sexual, enquanto a mulher esta a procura do amor verdadeiro. Outro mito muito forte é o de que o homem másculo deve se atentar a quantidade de vezes que pratica o ato sexual e a mulher deve ter a preocupação de quantas horas durou a relação.

Outro tabu citado pela escritora é do prazer feminino, sendo que isso seja enfrentado com certa frieza por grande parte das mulheres que não se permitem essa descoberta, isso se expressa por ainda no século XXI, tais mulheres ainda se reconhecerem inferiores aos homens, na condição de subalternas e os valores ainda

serem incitados dessa maneira, afim de que as mulheres continuam sendo usadas como símbolo sexual, ou melhor, símbolo da sensualidade explícita do prazer sexual masculino.

Quando se atribui cor azul para meninos e cor rosa para meninas, quando o *não* de uma mulher é entendido e expresso como *charme*, bem como é remetida uma imagem vulgarizada da garota que usa roupas justas e decotadas, tais questões continuam fortemente influenciando as atitudes da sociedade.

Dessa maneira, entende-se que o mito e tabu sexual é uma construção social, são valores repassados de pais para filhos sem a observância que os tempos são outros e que não vivemos mais em uma sociedade desigual e injusta. É a falta de ética ao tratar a sexualidade como algo efêmero, é a ideia equivocada dos princípios que estão arraigados em nossa cultura e que não há incentivo algum para que se possam ser destruídos. O trágico é perceber que esses tabus sexuais estão pautados no preconceito, algo difícil de ser entendido quando vivemos em uma sociedade dita *liberal e avançada*, assim como a permanência desse moralismo hipócrita de nossa sociedade.

## **DESCREVENDO O PROCESSO HISTÓRICO DA SEXUALIDADE**

Ao estudar a história da sexualidade observamos que pela organização familiar dos primórdios da civilização, o sexo era visto apenas com o objetivo de reprodução, uma vez que a sociedade se desenhava pela formação de clãs, o qual só era possível saber a descendência da linhagem materna, uma vez que o ato sexual era libertino tanto para homens como mulheres. Por esta causa com o passar de alguns anos houve o acúmulo de bens nos clãs, surgindo às propriedades privadas, por esse motivo o sexo passou a ser uma atividade exercida apenas por um casal, para que os filhos legítimos herdassem os bens do clã. Com isso, as mulheres se tornam submissas aos seus maridos, fiéis sexualmente a eles, o que não ocorreu com os homens, pois estes podiam ter relações extraconjugais. (CARMO, PAULO SÉRGIO DO. 2011 p. 72-82).

Na antiga história, período dos hebreus havia a exaltação da virgindade, o sexo era algo divino, onde a menina deveria ser pura, tendo em vista que ela

assumiria o papel de mãe e dona de casa, assim os jovens casavam muito cedo, iniciavam as práticas sexuais e assim tinham sua vida reprodutiva intensa.

Aconteceu que com o passar de alguns anos, os jovens começaram a praticar atos sexuais sem controle ou responsabilidade alguma, nessa época a Igreja Católica tinha certa influência sobre as pessoas, e começou a defender fortemente a ideia de celibato, uso do sexo apenas para procriação, a fixação do corpo como templo de Deus.

No século XVI as práticas sexuais deixam de ser um ato pecaminoso, uma vez que ele fosse vinculado com o *amor*, afeta a visão sobre o casamento até então e suscita a questão de compartilhar, de intimidade do casal e ajuda a separar o relacionamento destes outros aspectos da organização familiar.

Dessa maneira, até o século XVII vigorava uma franqueza sexual, onde havia certa *ingenuidade*, pois as práticas sexuais não eram escondidas das crianças, eram permitidas a elas brincadeiras eróticas sem parcimônia, como até mesmo eram estimuladas a sentirem prazer com toques em suas partes íntimas. Era característico desse tempo, dessa sociedade, não reconhecer a criança como diferente do adulto, total desconhecimento do sentimento de infância, e dessa forma, a criança não era passível de direitos e tampouco devia ser respeitada.

Percebe-se na história, que do século XVII em diante essa liberdade com relação às brincadeiras sexuais envolvendo crianças e jovens desaparece, nascendo o *movimento de valorização da infância*, nesse sentido as crianças eram separadas dos adultos, até estarem preparadas para voltar ao convívio dos mais velhos. Os séculos XVII e XVIII foram determinantes para os avanços da sexualidade, pois a teologia decaía, a Igreja não era mais tão influente como outrora, as pessoas estavam saturadas de suas atitudes e declinavam para a vertente científica, onde ganhou causa e efeito com Michel Foucault (1999) que foi um dos grandes mentores, o qual explicava com o efeito da *razão* fatos do cotidiano.

Podemos afirmar que, o auge da sexualidade acontece da metade do século XIX, onde os homens vitorianos começam a formular definições e estabelecer contornos sobre essa questão, a qual se tornaria central na sociedade contemporânea. É de suma importância ressaltar que esse processo de evolução da sexualidade foi um processo lento de mudança, que permeou por longos anos para que viesse a ter efeito na sociedade e que tomasse vez e voz no governo como um

objeto de pesquisa. Michel Foucault (1999) indica que a sexualidade é um processo que se estende há 200 anos, esse viés nos proporciona entender o porquê de até hoje vivermos certos tabus na sociedade.

Dessa maneira, a sexualidade passa a ser objeto do Estado, da medicina, das leis e da religião, nesse momento da história tudo se voltou para a disciplinarização e regularização das *práticas sexuais*, da *reprodução* e da *família*. No final desse século surge a sexologia, onde médicos, filósofos, moralistas e pensadores passam a fazer descobertas sobre o sexo.

No século XX aconteceu a explosão do pensamento sexual, pois o sexo já não era visto apenas como ato de reprodução ou de prazer, mas como forma de estudo do pensamento, do corpo e das atitudes dos seres humanos. Houve o despertar do saber, todos procuravam entender melhor, questionavam e principalmente se descobriam sexualmente falando. E então, na segunda metade do século XX os movimentos sociais abalam profundamente a cultura, o saber, a ciência e a vida contemporânea.

## **A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE NO BRASIL**

Quando falamos da questão da sexualidade no Brasil é importante entendermos que as influências portuguesas sempre estiveram muito presente em nosso meio. Ao falar do casamento no Brasil- colônia, sentimos a forte influência europeia, quando a igreja católica tenta evitar o concubinato fazendo ainda a exaltação da organização familiar, no qual o modelo de poder era a família patriarcal, em que só era admitido o prazer sexual do homem fora do lar.

Nesse sentido, salientamos que as mulheres pobres ou prostitutas eram sempre as ideais para as práticas sexuais de jovens iniciantes e dos homens casados que procuravam divertir-se nas ruas, e prostíbulos da cidade, uma vez que essas mulheres eram reconhecidas pela sagacidade, sensualidade e experiência sexual, no entanto, seus atributos só serviam para a cama, jamais para uma vida em sociedade. Pois, para a vida social e para ser apresentada como esposa somente aquelas que se casavam e eram mães e donas de casa, tendo em vista que esse

era o papel dessas mulheres, papel de reprodutoras; tal cultura repassada de mãe para a filha de gerações a gerações.

O autor Parker (1991) afirma que o patriarcalismo também foi uma construção ideológica de conceito sobre o homem e a mulher, o qual os colocou em posições completamente diferentes, aos homens foram atribuídos valores de força e virilidade, e as mulheres coube à fraqueza e a subordinação masculina, esses elementos desencadearam uma série de considerações fundamentais que permeiam a nossa sociedade até hoje, mostrando a figura do homem superior e a da mulher inferior. Pois, segundo Parker (1991, p 58) *essa extrema diferenciação carregava consigo um dualismo moral explícito, que contribuiu para legitimar e reforçar a ordem aparentemente natural de hierarquia de gênero.*

Uma contribuição de suma importância é de Goldberg (1984) quando a autora afirma que o Brasil tornou-se República, no entanto, as raízes preconceituosas e racistas não desapareceram, porque as mulheres que eram pobres continuaram sendo símbolo de prazer sexual masculino, permaneceram sendo exploradas sexualmente e sem direito algum de questionamentos.

O cenário brasileiro manteve-se desse modo por muito tempo, até a década de 50, quando eclodiu na Europa o *movimento beat* que defendia o sexo desvinculado do compromisso, o uso de drogas e novos hábitos de vestir e falar trazia em si a revolução sexual, e esse movimento teve grandes reflexos sobre o Brasil, o homem começou a avaliar seu comportamento sexual e repensar a opressão que vivia há décadas. O que segundo Conceição (1998), permitiu a desvinculação do homem e da mulher dessa educação sexual ostensivamente *repressora*.

Na década de 60, surgiu o *movimento hippie* que derrubava muitos mitos, inclusive os sexuais, como essa superioridade masculina e o da virgindade, começa a ser discutido o prazer sexual feminino, a liberação sexual, a fabricação de anticoncepcionais, a produção de revistas pornográficas. Em 64, foi o momento da inclusão da sexualidade em alguns projetos educacionais.

Conceição (1998) analisou a sexualidade como um instrumento de agressão ao sistema, pois ainda haviam muitas pessoas apegadas às culturas de décadas, que não aceitavam essa tal importância dada à sexualidade, essa

valorização do corpo, e esse novo olhar sob as mulheres. Portanto, esses movimentos que proporcionaram o alavancar das novas concepções usavam dos meios de comunicação, como programas televisivos, revistas e outros.

Sendo assim, na década de 90 intensificaram-se os projetos e trabalhos de orientação sexual nas escolas, devido ao grande número de pessoas contaminadas pelo vírus da AIDS e de meninas grávidas. Em 1998, a sexualidade entra oficialmente nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) com a mudança do termo educação sexual para orientação sexual.

## **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – PCN'S**

No que concerne sexualidade no âmbito do currículo escolar, trouxemos para a discussão de que maneira a sexualidade entrou no currículo. Tendo em vista, que o termo sexualidade deixa por algum momento de ser um tabu e passa a fazer parte do contexto escolar.

A necessidade de trazeremos o tema para o interior das instituições de ensino se justifica pelo intuito maior de proporcionar a toda a comunidade escolar, o acesso a informações sérias e interpretações críticas acerca de diversos assuntos e situações que permeiam a sociedade contemporânea. SEED/PR (2009, p. 06)

Diante disso, é viável situar que o tema foi/é necessário que seja tratado de forma imparcial e sem impôr opiniões, pois o pensar da sexualidade dentro da escola é muito mais do que desenvolver assuntos e levar para a sala de aula alguns estudos feitos sobre o tema, e sim proporcionar um trabalho ao qual venha quebrar pré-conceitos estabelecidos, principalmente dentro da casa dos alunos.

No entanto, tomando como base o PCN (Pâmetro Curricular Nacional) o estudo da sexualidade na escola, permite que os alunos compreendam que essa abordagem é essencial para entender de forma abrangente o tema, desta maneira não pode ser um tema isolado, mas desenvolvido e entendida como fundamental no desenvolvimento psicológico e social do adolescente.

A discussão do tema sexualidade passou por mudanças no decorrer da história. Antes da década de 80, ela só era discutida no âmbito privado, onde apenas a família era responsável por debater o assunto, mas a partir de então, os trabalhos na área de educação sexual se intensificaram devido à preocupação com

o crescimento de gravidez indesejada entre os alunos, e com o risco de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis DST/AIDS, e a escola como uma instância social contribui para o debate e discussões relacionadas à sexualidade.

Em 1998, o PCN surge com a proposta de estudo da sexualidade como um tema transversal, sendo que, a sexualidade seria abordada apenas como uma disciplina ou um só campo de estudo, que na matéria de ciências, trata de estudos que se baseiam apenas em questões biológicas, nesse sentido, o PCN propôs que o tema fosse partilhado com as demais disciplinas, com o intuito de proporcionar uma maior reflexão acerca da sexualidade.

De tal modo, o PCN usa como justificativa que a sexualidade é inerente à vida e a saúde, pois é a expressão do nascimento até a morte, ainda mais porque a sexualidade não é apenas uma questão de saúde e reprodução vai muito além; relacionando com o direito ao prazer, descobrimento do próprio corpo, desejos e exercício da sexualidade com responsabilidade. O tema também enquadra relações de gêneros, o respeito a si mesmo e ao outro, percebendo que há a diversidade de crenças, valores e expressões culturais que existem em uma sociedade pluralista e democrática.

Na medida em que a criança cresce sua sexualidade também aflora, pois é construída a partir das possibilidades individuais de sua interação com o meio e a cultura, sejam elas com família, amigos, escola, mídia, enfim, não está indissociável da sexualidade, mesmo que a criança seja associada a um ser assexuado, pois acreditam em seres que tem a pureza e inocência, desta maneira não possuem uma sexualidade a expressar; mantendo uma conotação de algo feio, repreensível, pecaminoso, sujo, onde deriva de influências de adultos.

No entanto, percebe-se que a importância do estudo da sexualidade já está sendo difundido e mostrado que são de extremo valor para o crescimento de crianças e jovens. Além disso, a sexualidade estará sempre em nossas vidas, pois ela “nos acompanha do nascimento até a morte”, segundo Freud (2006, p. 01).

A partir da inclusão da sexualidade no PCN, percebe-se que o tema é amplo, mas que tem sua particularidade tratando da sexualidade em todos os termos e que permite que o aluno seja crítico diante do tema, pois admite que o mesmo consiga relacionar o que aprendeu ao longo de sua vida, seja através de

dogmas, meios de comunicação e da família fazendo uma junção com que ele aprende em sala de aula, assim podendo tirar suas conclusões.

As crianças e adolescentes trazem de casa noções sobre o tema sexo, além das informações que recebem pelos meios de comunicação que não tratam de maneira elucidativa e com isso a orientação sexual deve considerar todos esses fatores e conseguir provocar reflexões e debate do aluno, onde o mesmo possa construir suas opiniões e fazer escolhas de maneira consciente. Além disso:

Em nenhuma situação cabe à escola julgar a educação que cada família oferece a seus filhos. Como um processo de intervenção pedagógica, tem por objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados, sem invadir a intimidade nem direcionar o comportamento dos alunos (PCN, 1998, p. 67).

A questão da inclusão da sexualidade na escola é polêmica, pois trata do senso comum, em que as crenças e o ponto de vista pessoal e religioso faz uma visão preconceituosa a cerca de orientação sexual. Partindo deste viés, a orientação sexual surge para que a pessoa tenha autonomia sobre seu corpo e decisões sejam elas no presente e no futuro.

Ademais, “A proposta de Orientação Sexual procura considerar todas as dimensões da sexualidade: a biológica, a psíquica e a sociocultural, além de suas implicações políticas”. (PCN, 1998, p. 295). Pois a orientação sexual está muito além do que falar de sexualidade, mas também elucidar esse aluno com as dúvidas que ele possui em relação ao seu próprio corpo.

Como já mencionado, os parâmetros curriculares nacionais (PCN's) propõem que a orientação sexual se dê de maneira transversal, devido à importância e complexidade que o assunto possui. A sexualidade abrange várias áreas do conhecimento, porém acabam por ser tratadas apenas em matérias de ciências, tratando a sexualidade não como uma questão social e cultural onde sofre influências do ambiente em que se situa, seja pela questão cultural, religiosa e também na escola, onde a sexualidade permeia todo o ambiente, pois as crianças e adolescentes começam suas relações com pessoas da mesma faixa etária, sendo apresentado a eles um universo de curiosidades e desejos sobre o sexo oposto e também com o do mesmo por parte dos alunos.

Isso retrata a importância do tema fazer parte do currículo escolar, por a escola ser um meio onde se estabelece relações sociais e a sexualidade está



intimamente ligada nesse contexto, para o PCN (1998) “A Orientação Sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos.” cabendo então à escola abordar os diversos pontos de vista que existem na sociedade, sejam eles culturais religiosos ou políticos.

A sexualidade é vista como uma questão de saúde pública, pois de acordo com os PCN's, em virtude do aumento de casos de gravidez e contaminação pelo vírus do HIV, o Estado se vê interessado pela sexualidade da população, já que a conduta sexual do povo diz respeito à saúde pública, onde, a taxa de natalidade cresce, gerando mais gastos para o governo, afinal, cresce a demanda por atendimentos públicos quando se trata de pessoas menos favorecidas. Por haver essa preocupação, a escola tem a função de proporcionar ao aluno informações educacionais, tornando-o um cidadão crítico e consciente, criando subsídios para que possam continuar sua vida produtiva na sociedade, sendo a escola mediadora desse processo. A questão da sexualidade já é abordada em casa, onde a família espera que a criança possua os mesmos valores, crenças e cultura, portanto, não cabendo à escola tomar o lugar da família na educação sexual, mas sim, orienta-los.

Nesse sentido, o trabalho de orientação sexual realizado pela escola é complementado pelo trabalho realizado informalmente pela família e por outras agências sociais, mas à escola cabe a função de problematizar, levantar questionamentos, e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno escolha seu caminho. No que tange a abordagem do tema em outras áreas, fugindo um pouco da questão biológica, deve-se atentar ao fato de que a sexualidade é acima de tudo uma questão histórica, portanto, há questões sociais, políticas, religiosas, psicológicas e biológicas por isso, os parâmetros curriculares propõem essa transversalidade.

## **RESULTADOS DA PESQUISA**

Com o levantamento de dados identificamos que a escola possui dois projetos apenas, o Projeto Nossas Raízes que trata a questão da cultura, com a apresentação de talentos da escola, desfile de miss, comidas típicas, músicas regionais e peças sobre as lendas amapaenses. Outro projeto tem como tema

“Quem é esperto não usa drogas”, fala do uso de drogas, nele está contido o depoimento de ex-usuários de drogas, os alunos apresentam paródias, participam de mesas redondas e debates com pessoas convidadas. Todos esses projetos se dão no decorrer de todo o ano letivo com exposições em sábados alternados e a sua culminância acontece no final do mês de outubro com uma grande festividade aberta para a comunidade.

Podemos perceber então que há ausência de um projeto voltado para o tema da sexualidade, de acordo com a coordenação pedagógica que afirma *não trabalhamos especificamente o tema em nenhum projeto devido à resistência dos pais, pois eles se mostram muito revoltados quando nós, enquanto escola incitamos esse debate*. Conforme o decorrer de nossa entrevista, outros questionamentos nos surgiram, como também de que maneira o tema foi abordado para que gerasse essa revolta dos pais, indagamos mais uma vez a coordenadora, como resposta tivemos:

A escola ao final do mês de setembro do ano passado - 2015 fez uma palestra no turno da manhã, que foi proposta pela professora de Ciências, a qual trouxemos uma equipe de enfermagem que orientou o uso adequado do preservativo, inclusive com ilustrações, pois eles trouxeram aquelas próteses penianas e ilustraram como se deve usar.

Dessa maneira, percebemos a falta de preparo para a abordagem de tal assunto, em que se considera necessário questionar e refletir sobre o mesmo e, não influenciar, uma vez que segundo os dados da secretária:

*Os alunos do turno da manhã são de 12 a 13 anos de idade, a maioria da área de ressaca e com pais analfabetos. O turno da tarde já atende o público de 13 a 16 anos, nas mesmas condições sociais dos alunos da manhã, grande parte são parentes, inclusive.*

Visualizamos o cenário que prepondera pais sem níveis de informação algum, ainda ligados fortemente ao que lhes foram repassados de gerações a gerações, nesse sentido entendemos que a condição de informação na escola estadual Padre Simão Corridori, acaba por se tornar precária, desde o corpo técnico até a casa do aluno.

Diante do observado na escola, pensamos em chegar mais perto dessa realidade acompanhando a aluna grávida 1 até a sua residência para tentar uma aproximação com os pais. A caminho da casa da aluna consistimos em conversar sobre diversos assuntos até chegarmos a sua gravidez, ela nos relatou como aconteceu:

*Ah eu conheci um carinha aí, ele estuda à tarde lá na escola, ele tem 14 e eu tenho 12, aí a gente foi se conhecendo, aí ele me chamou pra ir lá no*

*barraco dele, eu fui né, pow chegou lá ele tava só, aí rolou aquele clima né e aí gente fez, minha primeira vez, aí agora eu tô embuchada como a mamãe diz (risos), pow velho tudo isso aconteceu sei lá menos de duas semanas assim, aí quando eu disse que tava grávida ele me deixou, agora a mãe tá brigando com a família pra ele ajudar a criar”*

Diante disso, perguntamos como foi que ela reagiu ao saber que estava grávida, *(risos) sei lá eu tô esperando uma criança e qualquer hora vai sair porque tô com oito mês*, assim, questionamos de que maneira a família recebeu essa notícia,

*Ahhhh bicho eu não tenho pai, só mãe e a velha quase surtou, deu maior “piti”, deu uma surra em mim, porque tipo fui fazer o teste com minha amiga aí deu lá que eu tava, aí eu tive que falar pra velha, apanhei que só, aí ela fica falando que vou parar de estudar pra criar ele né*

Perguntamos ainda como se sente na escola, em meio aos amigos e funcionários,

*Pow tipo todo mundo fica olhando né, a galera não anda mais comigo ficam tirando graça com a minha cara, prefiro ficar só mesmo, só a minha amiga que foi na farmácia comigo que não se afastou porque o resto [...] e tipo os professores de boa né, as tias da limpeza são bacanas e o seu Régis da lanchonete também*

A aluna se mostrou triste ao falar dos amigos, e detectamos mais uma vez o quanto a ausência de um diálogo acerca do assunto seria importante para que esse preconceito por parte dos colegas fosse extirpado.

Caminhamos por volta de uns 25 minutos até chegarmos a sua residência em uma área de ressaca, no Bairro dos Remédios, só quem estava na casa era a mãe, nos apresentamos e ela aceitou conversar conosco, percebemos uma mulher com pouca instrução, muito simples, mas bastante atenciosa. Conversamos e ao longo de nossa conversa ela nos falou da sua preocupação com a filha,

*Me percupo muito com ela, muito inorcente todo mundo consegue levar ela no papo, esse safado se aproveitou dela, agora ela tá aí com filho no bucho e ele não tá nem aí, eu não tenho condição de criar os dois, ainda tenho mais duas que tão pra creche, ela vai ter que parar os estudo pra me ajudar em casa*

Nesse momento a mãe se emociona e chora bastante, pois afirma que queria que a filha tivesse um futuro melhor que o dela. Com isso, nos ficou evidente que a educação sexual na escola é de suma importância para que os adolescentes conheçam o seu corpo e respeitem o seu tempo, sem dúvida a história dessa aluna e dessa mãe é mais comum na sociedade em que vivemos do que imaginamos.

Em uma conversa que tivemos com a aluna grávida 2, ela nos falou sobre a relação com seus pais, sobre a escola, sobre os seus amigos, seu namorado e sua gravidez.

*Tenho 15 anos, moro com meus pais e meus irmãos, meu pai trabalha de pedreiro, e minha mãe é doméstica, meu irmão tem 19 anos e minha irmã tem 21, meus pais sempre tiveram muito medo de falar de sexo pra gente, lembro que quando ficava todo mundo em casa e minha irmã perguntava tipo como é beijar na boca, como a mulher fica grávida e eles sempre mudavam assunto, tô com seis meses, meu namorado é amigo do meu irmão, conheço ele desde os 10 anos e sempre nos demos muito bem, até que um dia ficamos juntos, eu não sabia nada, mas ele foi um fofo e esse foi o melhor momento da minha vida, passou uns dia e decidimos falar pro meu pai que tavamos juntos, papai não gostou e me proibiu de ver ele, mas continuamos nos encontramos, acho que tipo passou um mês assim e comecei a sentir muito enjoo, então minha irmã comprou um teste e me deu pra fazer, deu positivo, tudo isso sem meus pais saberem, falei pro meu namorado ele ficou feliz, então falamos pra minha mãe e minha mãe falou pro meu pai, ele ficou um pouco bravo, mas aceitou depois. Quando o pessoal da escola ficou sabendo fui chamada na direção, eles perguntaram se meus pais já sabiam, disse que sim, eles me dispensaram, tipo na escola nunca teve nada que orientasse a não fazer sexo, então pra mim foi tudo novo, mas tô feliz vou ter uma criança, o ruim é porque vou perder um tempo de aula, mas dá pra recuperar.*

Verificamos que essa adolescente não tinha nenhuma informação sobre sexualidade, e descobriu vivenciando o que é esse universo.

Outro relato é de um aluno que trocamos algumas informações na hora do intervalo no turno da tarde, perguntamos o que ele entendia por sexualidade, *sexualidade é muita coisa, tipo é a escolha de ser homem ou ser gay, de usar azul ou rosa (risos), é tipo o que acontece com o homem e a mulher, tipo é sei lá tu te encontrar*, falamos com ele se ele via na escola algo que os ajudasse a se encontrar como ele mesmo falou *aqui na escola a professora de ciências fala muito de sexo, de camisinha, de doenças, mas acho que a sexualidade não é só isso*, questionamos se nenhuma outra disciplina ou funcionário da escola falava sobre o assunto, ele se mostrou bem frio ao responder *NÃO*, seguimos conversamos de como era a relação dele com a família, se conversavam sobre o assunto, *sim, minha mãe conversa comigo e com os outros irmãos, diz que precisamos nos descobrir e que ninguém pode fazer isso por nós, que o sexo tem que ser no momento certo, tipo quando a gente tiver preparado, entende?* Nisso instigamos mais uma vez de como é importante que os pais tenham esse diálogo com os filhos, e, sobretudo que a escola tome seu papel de orientadora e formadora de cidadãos, pois se a escola em questão tivesse cumprindo com a sua obrigação esse jovem já teria uma postura muito mais elevada, porque em casa ele já aprende a noção básica da sexualidade, o que falta é ser discutido os seus afins. Infelizmente não conseguimos o contato com a mãe do aluno, pois ela trabalha o dia todo.

Constatamos através da pesquisa em sala de aula que as informações a cerca da sexualidade na escola se dá apenas na disciplina de Ciências, não sendo tratada de maneira transversal, como propõe os PCN's, confirmado isso na fala da professora da disciplina quando questionada o porquê de não ocorrer essa discussão com as outras disciplinas: *“Tenho ciência que a sexualidade é proposta como um tema de transversalidade, mas não tenho culpa se os colegas das outras disciplinas não permitem que o tema entre em suas aulas”*, questionamos se ela havia tentado fazer algum trabalho que envolvesse as outras disciplinas *“Sim, já tentei diversas vezes, mais uma andorinha só não faz verão”*. Sendo assim, procuramos conversar com os professores de outras disciplinas, o professor de matemática afirmou que: *Não há possibilidade de incluir esse tema na disciplina, isso é totalmente desconexo dos meus assuntos*, a professora de língua portuguesa disse: *Seria um prazer participar de um projeto em que envolvesse a leitura com o mundo de saberes da sexualidade, infelizmente não temos nenhum*, outro de nossos entrevistados foi o professor de história que assegurou:

*A sexualidade está presente em nossas vidas, trazê-la para a sala de aula seria uma maneira de instruir melhor nossos alunos. Existe a carência de exploração do tema na nossa escola, talvez seja a falta de iniciativa em fazer um projeto que se trabalhe essa transversalidade.*

Diante da fala da professora de língua portuguesa e o professor de história notamos uma divergência com a fala da professora de ciência, uma vez que eles afirmam que gostariam de trabalhar com o tema em suas disciplinas, e que não há essa discussão transversal porque nunca houve um projeto ou trabalho que envolvesse a todos, o que condiz com a fala da coordenadora pedagógica, já mencionada acima.

Sendo assim, procuramos a diretora da escola, a qual não soube nos responder se a escola já havia trabalhado a sexualidade de uma maneira transversal, conforme sua fala: *não posso responder a vocês essa pergunta, pois assumi a escola há um mês, e ainda não tomei nota disso. Mas posso afirmar que em minha direção vamos seguir o proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Após isso, ela nos encaminhou para coordenação pedagógica novamente, pois estava atrasada para uma reunião.

Com o levantamento dos dados da escola ao início da pesquisa havia dezesseis adolescentes grávidas e, agora ao término das aulas a instituição esta com apenas nove dessas alunas, as outras abandonaram os estudos. Uns dos

motivos seria a vergonha, o preconceito dos colegas e até mesmo o preparo para o parto, segundo afirma a orientadora:

*As nossas alunas tiveram que se ausentar das aulas por precisar agilizar as coisas para a chegada dos seus bebês, e principalmente porque os colegas não respeitam as suas condições de gestantes, ficam com brincadeiras maldosas e as meninas acabaram ficando com vergonha e pararam de vim às aulas.*

Perguntamos então o que a escola fez para que esse preconceito dos alunos tivesse um fim, como resposta, *tratamos isso com os alunos, mas eles ainda se mostram resistentes*. Percebemos que as adolescentes gestantes que continuam frequentando a escola se excluíram do convívio escolar, elas não participam mais das rodas de conversas e, inclusive nem saem da sala na hora do intervalo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acompanhamos durante oito meses a escola estadual Padre Simão Corridori e detectamos uma série de fatores que contribuem para que os adolescentes comecem muito cedo sua vida sexual, tendo em vista alunas de doze anos grávidas na escola. Bem como é fundamental que a família se mostre presente na vida do adolescente, não influenciando, mas orientando. Infelizmente essa falta de interesse dos profissionais da educação em auxiliar e orientar para que o adolescente tenha conhecimento de tal assunto acarreta consequências devastadoras para a sociedade.

De acordo com as análises acerca da pesquisa, percebemos o quanto há um descaso por parte do corpo técnico da escola, uma vez que não consta em nenhum projeto e nem plano de aula a exploração dessa temática, nesse sentido trazemos mais uma vez para a discussão o PCN, que trata a sexualidade como tema transversal, a escola na figura na coordenadora pedagógica afirmou:

*Sabemos que nossa escola ainda encontra-se um pouco deficiente com o tema da sexualidade, como disse anteriormente a resistência dos pais e o não entendimento dos professores para que se aplique a transversalidade ao tema são um dos difíceis problemas a serem superados. Mas tentaremos rever esse quadro de deficiência para que nosso aluno tenha toda informação possível.*

O que fica evidente é que, há um despreparo por parte de todo o corpo pedagógico da escola pesquisada para a abordagem do tema, ocasionando uma educação sexual ineficiente. Pois o assunto é posto de forma subjetiva, na qual a

professora de ciências lança mão de seus conhecimentos empíricos para orientar os alunos,

*Procuro sempre conversar com os alunos sobre o que devemos fazer, quando devemos fazer, sempre dou exemplo que fui mãe muito jovem, e sofri as consequências, então falo que esta muito cedo pra praticar, que eles devem somente estudar.*

No caso essa postura não esta de acordo com o objetivo curricular que diz respeito à diversidade e escolhas pessoais, sendo muita das vezes imposta por convicções particulares dos educadores, abrindo ênfase a orientação de uma sexualidade baseada em preconceitos e tabus ocasionados pelo despreparo já mencionado.

Portanto, vemos ser necessário que todo profissional da educação faça a sua formação continuada, sendo importante que o educador não traga para o ambiente escolar os seus conhecimentos empíricos, mas sim venha dotado de todo arcabouço teórico no qual o aluno perceba que a sexualidade vai além de sexo, gravidez e DST's. Bem como é importância que haja projetos na instituição que viabilizem a aproximação desses alunos para uma educação sexual livre de preconceitos e estereótipos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOPES, Cida. **Educação Sexual, tarefa da família ou da escola?** Disponível no site <<http://www.cidalopes.com.br/index.php>>. Acesso em 13/03/2016.
- AMORIM, Rita Mayara; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade na adolescência: dúvidas de alunos de uma escola pública.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, p. 95-106, 2012.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- FURLANI, Jimena. **Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual.** Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 269-285. dez. 2007.
- CARMO, Paulo Sérgio Do. **ENTRE A LUXÚRIA E O PUDOR: A história do sexo no Brasil.** São Paulo: Octavio, 2011.
- JUSTEN, Janine. **Os tabus da sexualidade.** Revista de história. 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- CANO, Maria Aparecida Tedeschi. FERRIANI, Maria das Graças Carvalho, GOMES, Romeu. **Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico,** Rev. latino-am. enfermagem - Ribeirão Preto - v. 8 - n. 2 - p. 18-24, abril 2000.
- Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004, Sexualidade e Adolescência: É Preciso Vencer os Tabus. Disponível no site <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em 28/05/2016.
- BARROS, Suzana da Conceição de; QUADRADO, Raquel Pereira; RIBEIRO, Costa Paula Regina. **Sexualidade No Currículo Escolar: disciplinaridade ou transversalidade?** VII Enpec – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis. 2009.
- BRITO, Dilma do Carmo Brito; SILVA, Gilnúbia Rosa Mendes da; SOUZA, Maria de Lourdes Brito de; SILVA, Rosângela Rodrigues da. **Reflexões Sobre a Sexualidade e a Infância.** APRENDER – Cad. de Filosofia e Psicologia da Educação, Ano V, n.8, p. 263-266, Vitória da Conquista. 2007.



FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. **As Relações de Poder em Michel Foucault: reflexões teóricas**. Revista de Administração Pública – RAP. Rio de Janeiro. Vol. 44, n.2, p. 367-383. 2010.

KUZMA, Juliana Martins; SILVA, Armelinda Borges da. **Sexualidade e Gênero no Currículo: um desafio para a educação**. P@artes. 2015. Disponível em: [www.partes.com.br/2015/05/2016/sexualidade-e-genero-no-curriculo-um-desafio-para-a-educacao/](http://www.partes.com.br/2015/05/2016/sexualidade-e-genero-no-curriculo-um-desafio-para-a-educacao/). Acessado em: 15/10/2016.

**Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclo do Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. 174 p. Brasília, 1998.

**Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclo do Fundamental: orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 52 p.1998.

**Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclo do Fundamental: temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 436 p. 1998.

PECOARI, Eliane Porto Di Nucci; CARDOSO, Luciana Roberta Donola; FIGUEIREDO, Tathiana Fernandes Biscuola. **Orientação Sexual em Escolas de Ensino Fundamental: um estudo exploratório**. Cad. Psicologia, São Paulo, V.5, nº9 2005.

PARKER, R.G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991. 295p.